



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**MAYARA NÓBREGA DA SILVA**

**PSICOSE: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A IMAGEM**  
**(DES)VELADA DA ESTRUTURA NO CINEMA**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2017**

**MAYARA NÓBREGA DA SILVA**

**PSICOSE: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A IMAGEM  
(DES)VELADA DA ESTRUTURA NO CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada ao Departamento de  
psicologia como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do título de  
bacharela em psicologia

Orientador (a): Dr<sup>a</sup> Elisângela Ferreira  
Barreto.

**Campina Grande-PB**

**2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Mayara Nóbrega da.

Psicose [manuscrito] : Um olhar psicanalítico sobre a imagem (des)velada da estrutura no cinema / Mayara Nóbrega da Silva. - 2017.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Elisangela Ferreira Barreto, Departamento de Psicologia".

1. Psicose. 2. Neurose. 3. Nome-do-Pai. 4. Cinema. I.  
Título.

21. ed. CDD 616.89

MAYARA NÓBREGA DA SILVA

**PSICOSE: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A IMAGEM  
(DES)VELADA DA ESTRUTURA NO CINEMA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM:

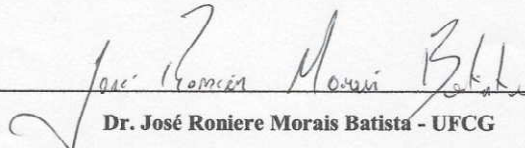
31 / 07 / 2017

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_

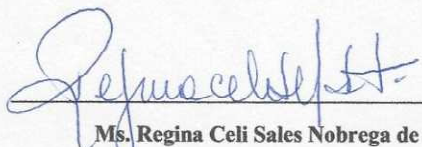
**Dr.ª Elisângela Ferreira Barreto**

**Orientador (a)**

  
\_\_\_\_\_

**Dr. José Roniere Morais Batista - UFCG**

**Membro Avaliador**

  
\_\_\_\_\_

**Ms. Regina Celi Sales Nobrega de Santana - UEPB**

**Membro Avaliador**

**Campina Grande-PB**

**2017**

À minha avó Neusa e ao meu avô Assis (*in memoriam*).

Por todo carinho, compreensão.

Por todos os ensinamentos e incentivos.

Por sua presença, mesmo quando marcados pela ausência.

Por todo amor vivido, DEDICO.

.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus, pelo dom da vida, por ter me abençoado com força e fé nessa caminhada repleta de aflições, inseguranças e obstáculos, vencidos pelo desejo da construção de uma nova história.

Aos meus pais, em especial minha mãe, que jamais soltou da minha mão e me forneceu todas bases para o meu crescimento pessoal e profissional. Sempre dedicada, amorosa e disciplinante.

À minha tia querida, Edilma, por toda a paciência e todo o apoio. Ao meu tio Ednaldo e sua esposa Carma, por terem cuidado tão bem de mim nos momentos mais difíceis, sempre torcendo pela minha recuperação. Bem como ao meu saudoso tio Edmilson, que tanto zelou e se preocupou com as armadilhas do mundo nas minhas andanças à caminho da universidade.

Aos amigos de longa data, Beatriz, Juberlânia e Renally, e às novas parcerias, Alice e Aline, por serem moradia do coração, lar, aconchego, em especial Drielly, por toda a companhia, suporte, paciência, pelos conselhos, mesmo não seguidos. Por terem torcido, de perto ou de longe, e vivido cada momento que antecedeu este dia comigo.

Aos maravilhosos encontros que a graduação me proporcionou, os colegas de turma, em especial aqueles que se fizeram casa, muito além do teto, quando precisei, que se tornaram mais que colegas de turma, hoje são amigos que espero levar pra toda vida. Os queridos professores que, cada um à sua maneira, deixaram sua marca e lugar no meu coração e contribuíram de maneira singular com a minha formação. Destaco aqui Jorge Dellane, que sempre esteve disposto com seus livros e ouvidos e Roniere, que mais que um professor, foi amigo, presente em momentos de grandes dificuldades, onde é preciso se perder para encontrar-se, que me proporcionou momentos de gargalhadas e reflexão, de brincadeiras e seriedades.

À minha orientadora, Elisângela, por ter acolhido a minha angústia e apostado no meu desejo, com tempo tão limitado.

Aos demais funcionários da instituição, na limpeza, na secretaria, na cantina.

E aos demais que, direta ou indiretamente, fizeram parte deste percurso, o meu sincero muito obrigada.

## SUMÁRIO

<b>1. A PSICOSE.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Neurose e Psicose.....</b>	<b>8</b>
<b>2. A ESTRUTURA DA PSICOSE E SEU MECANISMO.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Lacan e as Psicoses.....</b>	<b>10</b>
<b>3. A LINGUAGEM NA PSICOSE.....</b>	<b>12</b>
<b>4. CONSTITUIÇÃO DO CORPO NA PSICOSE.....</b>	<b>14</b>
<b>5. ARTE E PSICANÁLISE.....</b>	<b>16</b>
<b>6. CINEMA E PSICANÁLISE.....</b>	<b>18</b>
<b>7. PSICOSE: UMA CARACTERIZAÇÃO DO FILME.....</b>	<b>20</b>
<b>8. A ARTE ILUSTRA A ESTRUTURA?.....</b>	<b>21</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## PSICOSE: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A IMAGEM (DES)VELADA DA ESTRUTURA NO CINEMA

O escracham como louco  
Acharam que estava inconsciente  
Pois este foi um dos poucos  
Que tirou as grades da mente  
Holofotes o cercavam  
Mas uma coisa o intrigava  
O homem que tinha tudo  
E ao mesmo tempo não tinha nada  
Decidiu por vez  
Experimentar a liberdade  
Holofotes não o cercam mais  
Porém hoje é feliz de verdade.

Cesar Duarte

Mayara Nóbrega da Silva \*

### RESUMO

Freud iniciou sua teoria a partir dos estudos clínicos sobre a histeria construiu a teoria da Psicanálise. É sabido que ele concentrou seus esforços no estudo das neuroses, partindo destas como parâmetro para a perversão e psicose, buscando teorizá-las a partir das suas diferenças, inclusive recomendando recuar diante desta última. Lacan, porém, aceitou o desafio e persistiu nos estudos dessa estrutura. A partir deles, Lacan nos mostrou que a psicose é constituída pelo mecanismo da foraclusão, gerando uma continuidade entre o eu e o outro, uma linguagem própria, sem equívocos. Quando algo aponta para significações simbólicas por causa da carência do significante fálico no simbólico, o sujeito psicótico responde no real em experiências alucinatórias e sinestésicas. O inconsciente do sujeito estruturado na psicose encontra-se à céu aberto, com sua linguagem própria. Deste modo, procuramos estudar a psicose a partir dos postulados deixados por Jacques Lacan, na busca do seu mecanismo de estruturação, tomando como exemplo ilustrativo o personagem Norman Bates e sua relação com a figura materna, no filme Psicose dirigido por Alfred Hitchcock no ano de 1960, bem como traçar uma ponte entre a psicanálise e essa arte que afeta o sujeito, e, ao mesmo tempo, descreve aquilo que não pode ser dito sobre ele.

**Palavras-chave:** Psicose. Nome-do-pai. Arte.



## 1. A PSICOSE

### 1.1 Neurose e Psicose

No início dos seus estudos sobre as entidades psíquicas, conhecido como primeira tópica freudiana, Freud colocava o Eu em intermédio ao Id e ao Supereu, buscando servir aos dois senhores. E, já nesses primeiros momentos do estudo sobre a Psicose, ele formulou a possível origem dessa perturbação como sendo resultado da relação do Eu com o mundo exterior, enquanto as neuroses emergiam do conflito entre o Eu e o Id, que, através do recalque cria o sintoma, substituto satisfatório dessa pulsão. Freud, apresentando o conflito com o mundo exterior como o cerne da psicose, entende que esta se dá pela estranheza em relação à realidade externa e a criação de uma nova realidade interna para dar conta, na tentativa de uma reconstrução dessa ruptura com o exterior, ocorrendo devido à demandas desejosas do Id.

Esses desejos primitivos, despertados no período do Édipo, foram reprimidos pelo Supereu, que representa a realidade, gerando uma frustração desse desejo e a criação do sintoma como saída. Nessa fase dos estudos, em 1924, Freud dividia o aparelho psíquico em suas três entidades, supracitadas, ainda como três instâncias separadas mas que se relacionavam umas com as outras.

As alterações psíquicas tanto na neurose quanto na psicose se dão na forma como o sujeito lida com a realidade. Na psicose há perda dessa realidade, visto que seu fator dominante seria o Id, enquanto na neurose há evitação da mesma. Mesmo havendo também certo afastamento da realidade na neurose, ocorre de forma diferente e por motivos diferentes. Neste caso, há o recalque de um desejo que, permanecendo na consciência, causaria grande dor e sofrimento. Para manter o equilíbrio, o sistema psíquico coloca um sintoma no lugar, como no caso das histéricas e suas manifestações corporais. No caso da reação psicótica, o sujeito nega o fato real e cria uma nova realidade. Deste modo, a maior diferenciação entre ambas estruturas ocorre na forma como cada qual se desencadeia, sua fase inicial na relação com a realidade. “A diferença inicial se exprime então no resultado final: na neurose uma porção da realidade é evitada, mediante a fuga, enquanto na psicose é remodelada.” (FREUD, 1924, p. 217.) A formação sintomática mais severa se dá na forma de alucinações, em substituição à realidade negada.

Em ambas as estruturas, a forma de satisfação substituta não supre completamente esse desejo primordial. Conforme diz Freud (1924, p, 220):

A diferença aguda entre neurose e psicose, no entanto, é diminuída pelo fato de também na neurose haver tentativas de substituir a realidade indesejada por outra mais conforme aos desejos. Isto é possibilitado pela existência de um *mundo de fantasia*, de um âmbito que foi separado do mundo externo real quando da introdução do princípio da realidade, desde então é conservado livre das exigências da vida, à maneira de uma “reserva”, e, embora não seja inacessível ao Eu, é ligado frouxamente à este.

Deste modo, na neurose as fantasias se ligam diretamente à fatores da realidade, enquanto na psicose a realidade é completamente substituída.

É importante salientar que Freud não se deteve ao estudo das psicoses, mantendo sua linha clínica e de pesquisa partindo da teoria construída acerca da neurose para diferenciá-la da psicose. Deste modo, coube ao francês Jacques Lacan, que não recuou ao encontro com a estrutura, o aprofundamento na teoria e clínica desta. Inicialmente, ele apresenta as psicoses como sendo a clássica loucura. Por volta do século XIX, a psiquiatria alemã colocava a paranóia como abrangente de todas as loucuras. Posteriormente, na França, psicose era entendida como algum tipo de falha no caráter e que essa falha tinha uma gênese no psicológico. Outros estudiosos da área, como Clérambault, acreditava no princípio de automatismo mental, vindo a entender que a psicose seria desencadeada pelos tóxicos. E os estudos médicos da época centravam-se em buscar toda a gênese e particularidades da estrutura restritos apenas ao que era possível de ser visto, nas manifestações públicas da afetação. Já nessa época, Lacan (1955, p. 16), postulava que:

Se a psicogênese é isso, é justamente aquilo de que a psicanálise está mais afastada, por todo o seu movimento, por toda a sua inspiração, por toda sua força, por tudo o que ela trouxe, por tudo aquilo para o qual ela nos conduz, por tudo aquilo em que ela deve nos manter.

Sabemos que a psicanálise estuda o além desse corpo biológico, situando a psicose no campo de estruturas psíquicas. Conhecemos sua história desde Freud, que, mesmo neurologista por formação, buscou aquilo que está por trás do visto, aquilo que se esconde nas profundezas da *psíqué* humana e que não pode ser apreendido pela experiência imediata.

## **2. A ESTRUTURA DA PSICOSE E SEU MECANISMO**

## 2.1 Lacan e as Psicoses

A psicose é uma estrutura clínica, constituída pela relação do sujeito com o Outro e com a linguagem, manifesta através de peculiaridades comportamentais e na linguagem, expressas no campo social, nas relações e, nos casos desencadeados, por delírios, alucinações. Por volta de 1950, Lacan localiza a estruturação da psicose na relação do sujeito com a linguagem, resultante da defesa contra a castração, fazendo com que esse sujeito seja habitado, invadido pela linguagem sem simbolização.

Lacan entende como fator estrutural da psicose a negação do sujeito à iminência da castração, no final do período do Édipo, um desmentido da inserção de uma barreira entre o sujeito e a sua fonte de prazer primordial.

Em articulação com o significante, essa rejeição é tomada como forclusão, termo do direito francês que significa a perda do prazo para entrepor uma ação (GUERRA, 2010). Lacan utilizou-se do termo para teorizar a operação que não foi realizada no tempo correto, operação essa que é a inserção da lei, do Nome-do-Pai (metáfora paterna) na relação simbiótica entre mãe e filho, tornando o sujeito ligado a essa relação especular por toda a sua vida, como objeto de gozo desse Outro. Esse significante primordial, expresso na relação especular mãe-filho excluído de dentro, retorna no real do corpo sob a forma de delírios e alucinações. Deste modo, o psicótico recorre às palavras, mesmo que sem sentido, visto a ausência de simbolização, em decorrência da precariedade em sua relação com objetos. O sujeito é o próprio objeto, por este motivo, quando há perda de um objeto qualquer, é como se o sujeito tivesse perdido uma parte de si mesmo, parte essa que ele não reconhece.

Essa significação essencial que se encontra ausente no psicótico, não permite que o sujeito se nomeie, impossibilitando que o sujeito simbolize sobre si mesmo, sua vida, sentimentos. Como diz Guerra (2010, p. 32) “É de resposta, portanto, e não de projeção que se trata na psicose.”. É neste ponto onde ocorre o desencadeamento, quando o sujeito é colocado nessa ambiguidade sobre si, na invocação do Nome-do-Pai foracluído e o sujeito encontra-se sem essa resposta para o enigma do seu ser, frente à frente com a linguagem metaforizada, o invadindo pelos fenômenos linguísticos. Desta forma, nos diz Guerra (2010, p. 34)

Essa perda diz respeito àquilo que o sujeito jamais alcança pelo significante, ao ponto em que a linguagem é insuficiente para dar conta do organismo, da libido, da vida. Diz respeito, portanto, ao ponto sobre o qual o sujeito se perde de si mesmo e parte, então, para significar-se no campo do Outro, condicionado pelo desejo materno que o antecede e pela incidência, nele, da lei da linguagem veiculada pelo Nome-do-Pai.

Entendemos o sujeito perpassado pelos três registros apresentados por Lacan: imaginário, simbólico e real. Ao campo do imaginário se referem as relações especulares do sujeito com seu semelhante, o lugar das ilusões, das imagens, onde reside o sentido único e consistente, fixo. O simbólico é o campo da linguagem, onde se estrutura a lei da metáfora paterna que irá incluir o sujeito na cultura, campo da ambiguidade, onde ocorrem os equívocos. O real passa por dois momentos nos estudos lacanianos, sendo, inicialmente, o resto do imaginário que é incapaz de ser capturado pelo simbólico e, em um segundo momento, como sendo o campo do impossível, deste modo, o real é o incompreensível, inominável, fonte de angústia. Consideramos, a partir desses estudos, que o sujeito perpassado pelos três registros, onde se articula o inconsciente, se sustenta, a partir da forma com a qual essas instâncias são amarradas e relacionadas entre si.

Na psicose, encontramos falhas no registro do simbólico, visto a ausência da inclusão do Nome-do-Pai. Deste modo, temos um sujeito invadido pelo real, consistente como o próprio corpo, enclausurado nesse sentimento de ligação com essa coisa primeira, desejo primordial pela mãe que foi perdida do imaginário e lhe faltam recursos para simbolização e meios de elaboração e separação da simbiose. Assim, encontramos um sujeito com inconsciente à céu aberto, embebido por essa linguagem invasora e não domesticada, materializando-se sob a forma de objetos que perseguem e atormentam (GUERRA, 2010). Esse sujeito se encontra sustentado em identificações imaginárias, acometido de relações especulares, não se diferencia desse Outro invasor que lhe faz de objeto, e quando há perda dessa identificação, o sujeito se encontra perdido, pois perdeu, no real, uma parte de si próprio, visto que há precariedade na elaboração dessa perda, pela falta de recursos que mantenham a estabilidade estrutural para responder sobre si, decorrente da ausência dessa simbolização primordial.

Também na psicose, o sujeito busca meios de estabilização emocional. Essa busca resulta nos delírios e alucinações, na tentativa de adaptação à realidade imposta. O delírio é um processo metafórico que tem um fator que o constitui, como um gatilho. De acordo com Lacan, o delírio tem uma relação muito estreita com esse gatilho, sendo, a grosso modo, uma repetição daquilo que veio lhe causar, sendo conhecido como o fenômeno elementar na psicose, sendo sempre o mesmo fator estruturante que vem ser o motor do delírio (LACAN, 1955). Esse fenômeno não se encaixa na nossa linguagem, tem uma língua própria, mencionada mais adiante.

A psicose, de modo geral, não é compreendida por quem não a está vivenciando. Cada sujeito é único e os delírios possuem todo um sentido e sofisticação em sua estrutura, mas que é compreendido apenas pelo sujeito, é sua interpretação e meio de saída para o seu sofrimento, é o seu meio de simbolização e significação do que se passa em seu interior. A nós, médicos ou psicanalistas, fica o papel de interpretar esse material que nos é entregue, com base na particularidade de cada sujeito. Em suma, o que nos interessa não é o compreensível, este não é o nosso papel na clínica. Como reafirma Lacan (1955, p. 33):

Tomemos a interpretação elementar. Ela comporta sem dúvida um elemento de significação, mas esse elemento é repetitivo, ele procede por reiterações. Pode acontecer que o sujeito o elabore, mas o que há de garantido é que ele permanecerá, durante um certo tempo ao menos, sempre se repetindo com o mesmo sinal de interrogação que ele comporta, sem que nunca lhe seja dada nenhuma resposta, nenhuma tentativa de integrá-lo em um diálogo. O fenômeno está fechado a toda composição dialética.

### **3. A LINGUAGEM NA PSICOSE**

É conhecido que Lacan prosseguiu na construção da teoria psicanalítica, a partir dos estudos deixados por Freud, o pai de Psicanálise. E, uma das primeiras impressões extraídas de sua obra, foi a de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Esse pressuposto teórico é construído a partir da ideia de Freud de que o inconsciente trabalha a partir de metáfora (deslocamento) e metonímia (condensação). Lacan trouxe esses processos como a linguagem própria do inconsciente.

Lacan buscou a inspiração dessa linguagem particular no estudo da linguística, neste caso, mais especificamente, no teórico Roman Jakobson que trabalhava com os conceitos de seleção e combinação, aproximando-os aos de condensação e deslocamento trazidos por Freud na *Interpretação dos Sonhos (1900)*. Como nos mostra Barreto (2008, p. 34):

Segundo Jakobson a metáfora e a metonímia se originam das operações de substituição e de combinação respectivamente, o que para ele corresponde ao que Freud já havia desenvolvido anteriormente: metáfora como correlata da condensação e a metonímia do deslocamento. Mas apesar do impacto que sabidamente tiveram as leituras dos textos de Jakobson para Lacan, foram especialmente às leituras freudianas que fizeram Lacan retomar os processos de linguagem: metáfora e metonímia.

Através destes mecanismos Lacan estrutura o inconsciente, que funciona e opera através da cadeia de significantes. Este conceito Lacan busca em Saussure, porém inverte a sua importância na teoria psicanalítica, criando o algoritmo S /s, promovendo a primazia do significante sob o significado. O significante é da ordem pessoal e íntima de cada sujeito, apenas ganhando significado ao longo de sua cadeia. “A significação é um efeito causado pelo significante, que gera efeito de sentido, contudo um sentido que surge retroativamente, ou melhor, é somente no final da fala que se completa o princípio do que foi dito.” (BARRETO, 2008, p. 35). Entretanto, o significante da Psicanálise não é o mesmo da linguística. Na primeira, ele é o que representa a existência do sujeito, definido no intervalo entre significantes de uma cadeia, surgindo as formações do inconsciente (atos falhos, chistes, sonhos).

A linguagem é instituída no sujeito quando há a apresentação da metáfora paterna, havendo assim uma castração e corte na relação mãe-filho e possibilitando que o S1 (significante mestre, o primordial, primeiro na cadeia) seja relativizado. Na psicose não há apresentação dessa lei paterna, fazendo com que o psicótico não construa uma cadeia de significantes. Essa linguagem coloca limites entre o Outro e o sujeito, fazendo com que este possa se identificar como um ser diferente, que passa a desejar. Podemos observar que, nas psicoses, ocorre uma ruptura, causada pela ausência do recalque originário e sim a forclusão, onde a mensagem não é acolhida pelo código (tesouro dos significantes). Por este motivo, a linguagem no sujeito psicótico é precária. Ela não simboliza ou metaforiza a coisa, ela é a própria coisa, como nos mostra Barreto (2008, p. 69) “Na linguagem do psicótico há uma redução da palavra ao seu ponto de materialidade, renomeando as coisas, unindo a coisa ao nome, sem diferenciações, as coisas são as palavras, que se confundem, afetam e invadem o corpo.”.

Também encontramos na fala desse sujeito a certeza do que é dito, como nos delírios que são impossíveis de serem levados por outra lógica que não seja a dele próprio. Essa ausência de dúvida, muito peculiar na estrutura, é fruto, também, da não instauração do Nome-do-Pai, formando um sujeito sem falta, sem desejo, portanto sem incertezas. A certeza do delírio, da alucinação, proveniente das palavras que vem de fora do sujeito, funcionando como um eco do seu pensamento.

Como consequência, Lacan renomeia o inconsciente psicótico, que não está no campo do simbólico e possui sua linguagem própria, como um inconsciente real. É o espaço entre significantes que não é passível de interpretação, que faz sentido unicamente àquele que o

fala, um inconsciente que não opera por metáfora e metonímia, mas pelo real, por esse impossível, inominável. É a linguagem que não serve ao propósito de criar laço social, está disponível apenas para dar conta daquilo que o sujeito não suporta, frente à ausência da interdição primordial. Como nos ensina Barreto (2008, p. 76)

A psicose desvela o funcionamento do inconsciente e de sua língua, trazendo “a céu aberto” um inconsciente sem a barra do recalque, um inconsciente imerso num real desconectado, do simbólico que não se atrela às significações e às interpretações, pois não está no campo da transferência, do saber suposto ao outro. E, como dissemos, o inconsciente da psicose é real, um real sem lei, desmedido excedente, e sem estar atrelado ao par simbólico (S1- S2).

#### **4. CONSTITUIÇÃO DO CORPO NA PSICOSE**

Como já dito em Freud, a imagem corporal do sujeito não se constrói de maneira inata, é necessário certo investimento libidinal para que essa imagem seja constituída. “Graças ao investimento narcísico dessa superfície corporal coincidente com o eu, o sujeito terá um corpo, tornando-se em consequência capaz de diferenciar entre dentro e fora, entre eu e objetos.” (VIDAL; PINHEIRO, 2015, p. 266).

Na busca de avançar nos estudos acerca da constituição do Eu, Lacan teoriza o conceito de estágio do espelho, a fase na qual a criança ainda não reconhece sua imagem no espelho e busca saber o que é aquela imagem, olhando, investigando. Quando a mãe realiza a identificação, a criança se encontra e se reconhece e se institui também a dimensão narcísica.

Freud já identificava que a constituição do corpo e sua distinção do outro se dá de uma maneira diferente na psicose e na neurose. Na psicose, o investimento libidinal não era dirigido aos objetos e sim ao próprio eu. De acordo com Vidal e Pinheiro (2015, p. 268)

A dependência da libido do ego ocorre na psicose justamente em função da distinção entre sujeito e objeto não ser plenamente demarcada. Para que a libido se dirija aos objetos, é preciso que essa divisão entre o Eu e o Outro esteja dada e que essa distância possa ser sustentada. Não há como a libido atravessar um percurso de um espaço ao outro se os dois espaços não estiverem claramente diferenciados entre si.

Para aprofundar a questão, Lacan também trabalha com o conceito de foraclusão, a rejeição de um significante primordial. Essa operação é algo fundamental na constituição do

sujeito, que também é articulado em seu corpo na cadeia de significantes, inserido nas relações em busca desse significante perdido. Vidal e Pinheiro (2015, p. 270) explicam que “É portanto esse movimento infinito que caracteriza o trabalho do sujeito, movimento provocado por uma causa perdida.”. Essa busca do sujeito pelo objeto perdido nunca será alcançada plenamente, ele irá “apenas” deslizar de significante em significante. Diante deste real, o sujeito busca saídas que venham a amarrar o significante e o significado, essa amarração é possibilitada pela inserção do Nome-do-Pai, um ponto de basta. Na psicose não há esse ponto de basta, dificultando essa amarração.

Em seu último ensino, Lacan passa a trabalhar com a topologia do nó borromeano, as amarrações dos três registros (real, simbólico e imaginário). Neste novo ensino, o corpo está situado no campo do imaginário, que é o campo da identidade. Nessa consistência corporal há o que vem representar o furo, que é o simbólico. Neste momento, simbólico e imaginário estão no campo das representações e o que escapa, o real, está fora. Para que haja a constituição do corpo, é necessário que esses registros se entrelacem, como um nó, através do Nome-do-Pai. (VIDAL E PINHEIRO, 2015).

O sujeito psicótico por não poder utilizar do simbólico nas relações com o outro fica capturado no registro imaginário. Esse suporte surge quando há integração da metáfora paterna na relação mãe-filho, criando a interdição, a separação. Na psicose, trata-se desse Outro como sede da sua própria fala, do seu próprio eu, sua imagem. O neurótico também não deixa de ter essa fragilidade, porém é extremamente intensificado no psicótico, revelando sua dificuldade de separação com o Outro. Ele que se encontra frente à impossibilidade de constituir um corpo simbolizado, erotizado, diferente, separado do corpo do Outro. Desta forma, nos explica Goidanich (2003, p. 68 “Assim, na psicose, o corpo não é uno e nem é próprio, pois segue sendo, muitas vezes, apenas uma parte, um complemento do corpo de um outro especular.”

Toda essa questão do corpo na psicose é decorrente da forclusão do nome do pai, o que viria a colocar uma barra entre esse sujeito e o Outro, formando o seu próprio eu, tornando o sujeito desejante e não assujeitado ao desejo do Outro. O sujeito se constitui exatamente a partir da imagem do Outro que se faz de espelho. Quando chega a interdição, o Nome-do-Pai, há a separação entre ele e esse outro especular, surgindo o sujeito particular. Porém, sem a metáfora paterna, sem a introdução de um terceiro nessa especularidade, o sujeito não é barrado, mantendo essa relação especular na vida.

Lacan descreve o corpo como sendo fragmentado e, para que, imaginariamente, ele possa se organizar em uma unidade a partir da separação dessa figura primordial, a mãe.



“Parece ser, enfim, o rompimento no desenrolar simultâneo do processo de alienação e separação, processo este que é fundamental para viabilizar toda constituição subjetiva e, conseqüentemente, a estruturação corporal, que está em jogo na psicose.” (GOIDANICH, 2003, p. 72).

## 5. ARTE E PSICANÁLISE

A arte é uma produção humana muito antiga, algo que antecede as teorias sobre a sua personalidade, incluindo a própria psicanálise. Freud buscou nela inspiração para construção da teoria, perpassando pela literatura, pintura e escultura. Ele coloca, por volta de 1900, as produções oníricas lado a lado da poesia, como indicativo de que a psicanálise não seria o único meio de estudá-las. Da mesma forma que encontramos as obscuridades do inconsciente, encontramos nas produções da arte, algo incompreensível. Como nos mostra Sklar (2011, p. 115) “O avanço pela psicanálise esbarra, assim, no acabamento de um sólido diálogo com a arte.”

É uma forma de convocação do sujeito em sua dor que, ao mesmo tempo que faz sofrer, faz gozar, frente à incessante pulsão de morte. Evidencia o que há de belo nessa dor, que permite produzir e elaborar. A psicanálise também tem essa finalidade, de buscar despertar os efeitos do sujeito, aquilo que é inconsciente mas insiste em se fazer presente. Como diz Rivera (2007, p. 16) “A psicanálise vem ressaltar algo antigo, talvez, no universo artístico: o fato de que a autoria implica uma certa subversão do sujeito. Na poesia, poderíamos dizer com Rimbaud, o eu é um outro.” Quem é esse outro? É exatamente aquele que psicanálise se dispõe a estudar: o inconsciente.

A produção artística vem convocar, colocar o sujeito frente a frente com a sua falta própria, com o seu lugar, ou a falta dele, no mundo. Já desde o século XX, houve esse questionamento sobre a especularidade do homem com o mundo, onde este vem unir-se à arte na busca de um movimento crítico. Essa proximidade entre a arte e a psicanálise, constitui seu momento originário, fazendo com que esta procure circular além do âmbito da psicopatologia, além de tudo o que se havia estudado sobre a *psique* humana até então, chegando agora ao nível de constituição do sujeito. Podemos observar claramente este fato através da teoria do Complexo de Édipo, extraído de uma peça de teatro grega, construída a partir de uma tragédia escrita por Sófocles por volta de 427 a.C. Freud se utilizou desta referência para construir sua

teoria de como o sujeito se constitui a partir das relações do sujeito com o Outro nessa etapa do desenvolvimento, sendo um organizador da subjetividade.

A arte proporcionou à psicanálise um olhar crítico para a cultura, para a própria teoria e permitiu ser criticada da mesma maneira, abrindo espaço para o questionamento do saber acerca do sujeito. Renovando-se, buscamos seu diálogo com a psicanálise partindo disto, da busca de novas analogias para o entendimento da *psíque* humana, pelo fato do ser humano ser único e estar em constante renovação. Uma maneira de confrontar o sujeito com a sua dor. Deste modo, “Uma obra seria então uma espécie de armadilha para o sujeito, uma captura deste que estaria, com sua dor e beleza, escondido de si mesmo. Captura do outro no eu, comemorando seu nascimento sempre doloroso, traumático mas *efetivo*.” (RIVERA, 2007, p. 18).

Durante o processo analítico, o analista procura furar o discurso do sujeito, quebrando o seu gozo para que seja possível uma retificação subjetiva e a entrada em análise propriamente dita. Da mesma maneira atua a arte nesse sujeito, barrando-o, confrontando-o com a sua falta, impossível de ser suprida, completa. Em contrapartida, nenhuma teoria poderá dar conta do sujeito por completo, funciona como analogias na tentativa de oferta de uma análise que se encaixe às suas necessidades. É um erro “forçar” uma teoria em um processo clínico. Novamente nos alerta Rivera (2007, p 19)

Trata-se, portanto, de uma posição metodológica que, partindo do nó freudiano entre teoria psicanalítica e arte, busca assegurar à elaboração teórica a incitação da alteridade de um outro campo. O motor da análise, a transferência, não deveria ser também o princípio impulsionador da elaboração teórica psicanalítica? Com Outro domínio da produção cultural, pode-se talvez realçar e vivificar este ponto efêmero onde se traça algo comum à arte e à psicanálise: o efeito de sujeito.

A arte já trata da descentralização do sujeito, como aquele que surge entre o expectador e o artista a partir da simbolização que convoca o sujeito nas suas relações com o objeto, fazendo emergir esse sujeito, por meio das falhas e produções do seu inconsciente. Esse sujeito apenas surge quando convocado por um Outro, dentro do seu circuito significante, com ele completando-se. Como ilustra Sklar (2011, p. 121), para Lacan

A arte manifestava a proximidade não diretamente expressa em seu sistema entre o que a criação artística a-presenta concretamente e as combinações psíquicas do que representam os símbolos. Sob esta perspectiva, a análise da arte repensava os inter-

relacionamentos artista (sujeito)–obra (objeto) e espectador (sujeito)–obra (objeto), indicando que o artista, a obra e o espectador demarcavam fronteiras em torno da premência de um espaço que resultava da imanência de um encontro entre os tres, dimensionando o tempo pela duração da experiência ali vivida.

É neste caminho que se cruzam arte e psicanálise.

## 6. CINEMA E PSICANÁLISE

Vivemos hoje em dia uma supremacia do imaginário. Somos regidos por imagens, necessitamos dessa representação para dar significado às coisas da vida. Fotos, telenovelas, seriados, pinturas, filmes, todos ao dispor das nossas fantasias. O ser humano é também um sujeito especular, apreendendo a realidade a partir desse mundo externo de imagens e fantasias.

O cinema é um exemplo prático dessa realidade. Dia após dia vemos novas produções que levam milhares de pessoas às salas escuras pelo mundo inteiro. Essas produções captam algo da essência do sujeito, algo de íntimo e obscuro. Neste sentido, temos a imagem-furo, situada nessa forma de arte, definida por Rivera (2009, p. 8) como:

Agenciamento de imagens que nos põe em questão, problematiza a realidade e pode nos colocar na vertigem, por vezes poética, de um mundo heterogêneo do qual não somos senhores. Brechas entre imagens, espaço irreconhecível, caos pulsante que é a própria vida.

Rivera mostra que essas imagens vão despertar no homem o desejo primeiro e primordial, “guardado” no inconsciente e que o torna sujeito desejante. É exatamente aí que o cinema apresenta seu auge na opinião popular, nas últimas décadas do século XIX com o avanço da fotografia. O ser humano buscava olhar a realidade e era isso que lhe era ofertado.

O próprio estudo da psicanálise teve início a partir das cenas das histéricas, literalmente apresentadas como espetáculo no anfiteatro do hospital La Sal-pêtrière, onde Freud estagiou junto à Charcot. Esses espetáculos eram registrados por um famoso fotógrafo da época, Albert Londe. Este utilizava o método “da cronofotografia de Marey, que, ao lado de Muybridge, será considerado um dos precursores do cinema.” (RIVERA, 2008, p. 18). Essas imagens causam inquietude, mas lhes faltam o efeito do movimento, mostrando ainda

mais a realidade daquelas históricas. Porém, à Freud interessava aquilo que não era visto, que estava por trás da cena.

Podemos fazer uma analogia do cinema ao sonho, esse conjunto de imagens em movimento, com característica de alucinação, mas conduzidas por uma sólida carga de realidade. Ambos são resultado de uma combinação abstrata de pensamentos, representando uma linguagem artística (RIVERA, 2008).

A produção de um filme se dá a partir da densa relação entre imagem e palavra, na tentativa de uma exibição mas que também acaba por velar segredos de uma alma, como explica Rivera (2008, p. 27)

Ele fracassa em revelá-los cabalmente, pois está condenado a refazer sempre novas camadas de figuração — o latente continua latente, não se chega a interpretações capazes de dissolver (analisar) determinada formação sintomática. Assim, as interpretações apresentadas parecem limitadas, quando não tolas.

Sendo assim, mesmo revelador, o cinema permanece sendo uma fonte de mistério e falta para o sujeito, apenas buscando meios de jogar, arranjos de lidar com esse sentido escondido.

Rivera usa como exemplo as produções de Alfred Hitchcock, onde ele usa imagens deslocadas, com contornos nítidos que cobrem e descobrem a internalidade do sujeito. “O diretor nos arma uma cilada, portanto, seduzindo-nos longamente com suas belas imagens, até levar-nos, de repente, a uma terrível revelação” (RIVERA, 2008, p. 51). Podemos observar este fato nas suas produções, cheias de mistérios e surpresas. O diretor afirma que não há o que interpretar em seus filmes, pois não são dotados de simbólico. Há, porém, construções imaginárias de cenas que representam uma “realidade” que, ao desenrolar do filme, transformam-se em outra, de maneira repentina.

“A psicanálise não deixa de servir, portanto, em certa medida, como modelo para a magnífica leitura hitchcockiana do gênero detetivesco” (RIVERA, 2008, p. 53), pois na psicanálise, assim como Freud aponta desde o início, o psicanalista está sempre em busca da “outra cena”, o inconsciente, onde outras significações e sentidos podem se desdobrar para aquele que fala. O sentido detetivesco da psicanálise emerge da escuta das associações do paciente, sempre apontando para algo que ainda não foi dito e que, em suma, funda e constitui cada sujeito.

A cena cinematográfica também pode ser comparada ao espelho, numa mesma analogia com o que se esconde através de uma imagem vertiginosa e o que se encontra nas brechas onde nos fundamos como sujeitos. “O jogo do olhar se dá nessa oscilação um tanto vertiginosa e no júbilo ligado não apenas ao reconhecimento de si na imagem, mas também ao fato de fazer-se desaparecer no espelho.” (RIVERA, 2008).

## 7. PSICOSE: UMA CARACTERIZAÇÃO DO FILME

Psicose (*Psycho*) é um longa metragem que foi lançado em 25 de agosto de 1960, dirigido e produzido pelo famoso diretor de filmes de terror, Alfred Hitchcock. Foi indicado a quatro Oscars e ganhou o Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante para Janet Leigh, que interpretou a personagem Marion Crane. Esta é uma secretária de uma empresa imobiliária na qual trabalha com o objetivo de construir a sua vida. Marion rouba quarenta mil dólares da empresa e foge de carro. Durante o caminho, é surpreendida por uma grande tempestade, se perde no caminho e acaba encontrando um pequeno hotel, onde se hospeda, o Bates Motel, administrado pelo personagem Norman Bates, interpretado pelo ator Anthony Perkins, que mantém uma relação de respeito e temor com a mãe. Nesta mesma noite, Marion é assassinada, e o crime é coberto de mistérios. A obra foi baseada em um livro de Robert Bloch, embasado em uma série de crimes reais.

Marion não é a única personagem assassinada na trama, os que decidem investigar sua morte também se tornam alvo e são mortos misteriosamente. Inicialmente, o que é apresentado é o temperamento forte da mãe de Norman, que nutre ciúmes de mulheres que venham a se hospedar no motel, mulheres que se colocam entre ela e seu filho, como Marion. Durante o banho, esta é assassinada, Norman encontra o corpo e acoberta o crime, livrando-se de todas as evidências. Ninguém na cidade tem conhecimento da mãe de Norman, todos sabem que ela está morta e que ele vive sozinho, fomentando cada vez mais o mistério acerca da morte. Após uma série de investigações, Norman é preso pelo assassinato de Marion e do detetive que a procurava. Devido seu estado emocional, um profissional da psiquiatria foi convocado a fazer uma avaliação do caso.

O psiquiatra relata não ter conversado com Norman, mas sim com sua mãe. Diz: “Norman Bates não existe mais. Ele só existia pela metade, para começar. E agora a outra metade assumiu o controle, provavelmente para sempre.”. Quando indagado se Norman matou Marion, o médico diz: “Sim. E não.” E continua “Para compreender do jeito que eu

compreendi, ouvindo da mãe, ou seja, da outra metade da mente de Norman, é preciso voltar a dez anos atrás, quando Norman matou sua mãe e o amante. Ele já era perigosamente perturbado, ficou assim quando seu pai morreu. Sua mãe era uma mulher possessiva e exigente, e por anos os dois viveram como se não houvesse mais ninguém no mundo. Então ela conheceu um homem e Norman se sentiu rejeitado. Isso o fez perder a cabeça e matar os dois. O matricídio é, provavelmente, o pior dos crimes, principalmente para o filho que o comete. Então, ele teve que apaga-lo, ao menos em sua mente. Ele roubou o seu corpo. Um caixão contendo algo pesado foi enterrado. Ele escondeu o corpo no porão e cuidou dele para que se mantivesse da melhor forma. Mas isso não foi suficiente. Ela estava lá, mas era um defunto. Então, ele passou a pensar e falar por ela, lhe dar metade da sua vida, por assim dizer. Às vezes, ele conseguia ser as duas pessoas, ter conversações. Outras vezes, a metade da mãe assumia o controle. Ele nunca era completamente Norman, mas muitas vezes era apenas a mãe, e pelo fato de ter um ciúme patológico dela, ele pensava que ela também sentisse o mesmo por ele. Portanto, se ele sentisse uma forte atração por qualquer outra mulher, o lado da mãe saía do sério.”

Norman, ao conhecer Marion, sentiu-se fortemente atraído por ela, fazendo surgir o lado da mãe ciumenta, que a mata. Continua: “Depois do assassinato, Norman voltou, como quem volta de um sono profundo, e como um filho devotado, escondeu os rastros do crime que ele pensava ter sido cometido pela mãe!” Norman estava vestido com roupas de mulher, mas não poderia ser considerado um travesti, pois não o fazia por prazer próprio. Em seu caso, na sua fantasia, estava fazendo o possível para manter a sua mãe viva. O psiquiatra segue: “E quando a realidade se aproximava, quando o perigo ou o desejo ameaçavam essa ilusão, ele se travestia, recorria até mesmo a uma peruca. Ele andava pela casa, sentava na cadeira, falava com a sua voz. Ele tentava ser a sua mãe. E agora ele é.”

A explicação segue, afirmando que a mente de Norman abrigava duas personalidades e, por este motivo, havia um grande conflito interno, uma batalha, para decidir qual personalidade seria dominante e quem venceu foi a mãe, tomando conta do psiquismo do filho. Nas cenas finais, podemos observar este fato. Norman pensando exatamente como a sua mãe.

## **8. A ARTE ILUSTRA A ESTRUTURA?**

Como dito anteriormente, há, na estrutura psicótica, uma forte característica na relação do sujeito com a mãe, esse Outro, tesouro dos significantes, que é o seu primeiro objeto de amor. É nessas primeiras relações que o sujeito irá se constituir. Inicialmente por esse grande investimento de afeto à mãe, seguido de um corte nessa relação, a inserção da metáfora paterna, fazendo com que o sujeito perceba-se, torne-se desejante e siga em procura de outros pares. Na psicose, como vimos, não há essa operação, esse Nome-do-Pai é foracluído e ele permanece na relação simbiótica com a mãe.

Podemos, já aqui, citar como exemplo o personagem Norman Bates do filme em análise. Ele veio a perder o pai quando ainda era muito jovem, relacionando-se unicamente com a sua mãe, construindo uma parceria sintomática. Esta mãe é descrita como uma mulher “possessiva e exigente”. Em uma passagem, em seu encontro com Marion, quando esta sugere que ele deixe sua mãe para viver a própria vida, Norman chega a responder: “A melhor companhia de um homem é a sua mãe.” Desta fala do personagem, podemos observar de fato essa relação simbiótica bem estabelecida, já na vida adulta, o que nos faz pensar em uma estrutura possivelmente psicótica.

Na história relatada, não podemos identificar com certeza que houve essa ausência da metáfora paterna, também como nos diz Soler (2007, p. 12) “ Se a foraclusão não faz parte do fenômeno, não é pela foraclusão que se diagnostica a psicose. Não identificamos a foraclusão, mas seus efeitos”. A foraclusão, assim, não é tratada como um fenômeno da estrutura e sim uma condição, algo necessário para que se instale a psicose. Deste modo, Psicose (*Psycho*) é um bom exemplo imaginário dos efeitos posteriores, permitindo, assim, a construção da hipótese de uma falha no registro metafórico.

Somente quando um terceiro sujeito aparece nessa relação que Norman vem perder a estabilidade emocional, contida na sua relação com a mãe. Esta conhece um novo homem, com quem começa a se relacionar. Este fato representa uma grande ameaça ao filho, que se sente rejeitado, deixado de lado e toma uma atitude radical, com a finalidade de proteger essa relação. Assassinando ambos, a mãe e o companheiro, Norman, inconscientemente, vem a criar uma nova realidade, uma ordem própria para os fatos. É como se, após o ato, ocorresse uma nova organização psíquica, “Quando a percepção da realidade objetiva traz desprazer, ela tem que ser sacrificada” (QUEIROZ, 2017, p. 55). Agora, a *psiqué* de Norman comporta duas personalidades. A sua e a de Norma, sua mãe.

A partir do momento do assassinato, Norman assume a personalidade da sua mãe, mantendo em si duas pessoas. Chegavam a dialogar e até mesmo a discutir. Ao sinal de qualquer ameaça, como uma moça pela qual Norman vinha a se interessar, Norma intervinha,

livrando-se do obstáculo. Protegendo essa nova realidade, tanto externa, quanto psíquica em substituição à realidade imposta. Assim, podemos colocar em imagens uma das principais características da psicose: a cisão do eu, ou eu dividido.

Além disso, Norman mantinha o corpo de sua mãe morta, conservada por produtos que usava na prática da taxidermia, como forma de corroborar essa nova realidade, mantendo a fantasia de maneira quase real. Também aí podemos destacar a questão do psicótico com a linguagem. Esta é inserida juntamente com a castração ocorrida com a inserção de um terceiro nessa relação mãe-filho, permitindo que o sujeito possa se colocar como um ser diferente dos outros. Claramente vemos que Norman não tem essa separação afirmada, como dito anteriormente, permanece nessa ligação simbiótica com esse Outro, em uma relação especular. Ele não somente pensa ser a mãe, ele é a mãe. Veste-se, usa perucas, fala como ela.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade marcada pela primazia das imagens, as diversas formas de arte se unem às ciências na busca pelo conhecimento do ser humano. Nesse império imaginário, acompanhamos a constante evolução do cinema, Novas tecnologias, informações, conhecimentos, que deixam as produções cada vez mais sofisticadas e próximas daquilo mais íntimo do homem, despertando nele esse desconhecido, que o torna sujeito desejante. Os filmes podem oferecer uma realidade alternativa, onde pode-se fantasiar uma nova vida, proporcionando a sensação de satisfação, tranquilidade. Podem também lançar-nos em um mundo desconhecido, porém nosso, um lugar íntimo, de onde eclodem nossas pulsões mais obscuras, nossos desejos, que nos tornam sujeitos. Com a análise do filme *Psicose (Psycho)* pudemos observar a personificação dessa realidade, utilizando o recurso cinematográfico no auxílio na busca por uma clarificação das obscuridades do ser humano. Através de imagens, acompanhamos a teoria acontecer. A estruturação da psicose a partir da relação mãe-filho e da forclusão da metáfora paterna. Muito podemos aprender com Hitchcock, bem como outros autores e diretores que se dispõem a trazer esse mundo a nós.

## ABSTRACT

Freud began his theory from clinical studies on hysteria and constructed a Psychoanalysis' theory. It is well known that he concentrated his efforts on the study of neuroses, starting as a parameter for a perversion and psychosis. He was seeking to theorize them from their differences, including recommending receding of the latter. Lacan, however, accepted the



challenge and persisted in studying this structure. From them, Lacan has shown us that psychosis is constituted by the mechanism of foreclosure, generating a continuity between myself and other, a proper language without equivocations. When something points to symbolic meanings because of the lack of the phallic significant on symbolic, the psychotic subject responds it in real sense with hallucinatory and synesthetic experiences. The unconscious of the subject structured in psychosis is found in the open sky, with his own language. In this way, we try to study a psychosis from the postulates left by Jacques Lacan, in the search of its mechanism of structure, like illustrative example of Norman Bates' character and his relation with a maternal figure, in the film Psycho directed by Alfred Hitchcock in the year of 1960 , as well as to draw a bridge between a psychoanalysis and the art that affects the subject, and, at the same time, to describe what can not be said about him.

**Keywords:** Psychosis. Name-of-the-Father. Art.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, E. F. *Causalidade, Nomeação e Linguagem na Psicose*. 2008. 103 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2008.
- FREUD, S. Neurose e Psicose. In: \_\_\_\_\_. *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 176-183.
- FREUD, S. A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose. In: \_\_\_\_\_. *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 214-221.
- GOIDANICH, M. Configurações do corpo nas psicoses. *Psicologia & Saúde*, v. 15. p. 65 – 73, 2003.
- GUERRA, A. M. C. *A Psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 87 p.
- LACAN, J. Introdução à questão das psicoses. In: \_\_\_\_\_. *O Seminário*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. P. 11-25.
- LACAN, J. A significação do delírio. In: \_\_\_\_\_. *O Seminário*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. P. 26-39.
- QUEIROZ, E. F. A divisão do sujeito: a hipótese de uma Urverleugnung (desmentido primordial). *Psychê*, São Paulo, n. 21, p. 47 – 62, 2007.
- RIVERA, T. *Cinema, Imagem e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. P.76.
- RIVERA, T. O Sujeito na Psicanálise e na Arte Contemporânea. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 13 – 24, 2007.
- SKLAR, S. A Odisséia da imagem: Freud, Lacan e a Arte. *Revista Espaço Acadêmico*, São Paulo, v. 11, n. 127, p. 113 – 122, 2011.
- SOLER, C. O inconsciente a céu aberto na psicose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 263.

VIDAL, P. E. V.; PINHEIRO, F. V. O corpo na psicose no último ensino de Lacan. *Psic. Rev.*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 265 – 278, 2015.